

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2014
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2012 por Kiera Cass
Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incluídas em artigos críticos e resenhas

Título original: *The Selection*
Título: *A Seleção*
Autora: Kiera Cass
Tradução: Alexandra Cardoso
Revisão: Paula Caetano
Paginação: Maria João Gomes
Arte de capa original: Gustavo Marx/Mergeleft Repts, Inc.
Design de capa original: Sarah Hoy
Arranjo de capa: Bruno Rodrigues/Marcador
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-123-0
Depósito legal: 381 850/14

1.^a edição: outubro de 2014

Olá, pai!

acendendo

Capítulo 1

Quando a carta chegou pelo correio, a minha mãe ficou em êxtase. Nesse momento, decidi que todos os nossos problemas estavam resolvidos; tinham acabado para sempre. O grande empecilho no seu maravilhoso plano era eu. Não me considerava uma filha particularmente desobediente, mas neste aspeto era irredutível.

Não queria pertencer à *realeza*. Não queria ser uma Um. Nem sequer queria *tentar*.

Escondi-me no meu quarto, o único sítio onde podia escapar das conversas na nossa casa cheia de gente, enquanto procurava um argumento que convencesse a minha mãe. Até agora, tinha o conjunto sólido das minhas opiniões sinceras... Mas não me parecia que ela fosse dar-me ouvidos.

Não ia conseguir evitá-la por muito mais tempo. Eram quase horas do jantar e, enquanto filha mais velha ainda em casa, tinha responsabilidades culinárias. Arrastei-me para fora da cama e entrei no vespeiro.

A minha mãe lançou-me um olhar furioso, mas não disse nada.

Movemo-nos numa dança silenciosa pela cozinha e pela sala de jantar, enquanto preparávamos o frango, a massa e as fatias de

maçã e púnhamos a mesa para cinco pessoas. Se eu erguesse os olhos de qualquer tarefa, ela lançava-me um olhar feroz, como se conseguisse forçar-me a querer o mesmo que ela. Era uma tática que usava de vez em quando. Como quando eu não queria aceitar um determinado trabalho porque sabia que a família que nos empregava era desnecessariamente mal-educada. Ou quando queria que eu fizesse a limpeza geral porque não tínhamos dinheiro para pagar a um Seis para vir ajudar-nos.

Às vezes resultava. Outras, não. E esta era uma situação em relação à qual eu era irredutível.

Ela não me suportava quando eu era teimosa, mas nisso éramos parecidas, portanto, não deveria surpreendê-la. No entanto, o problema não tinha apenas a ver comigo. Ultimamente, a minha mãe andava tensa. O verão estava a terminar e em breve enfrentaríamos o frio. E as preocupações.

A minha mãe colocou o jarro do chá no centro da mesa com uma pancada irritada. Senti água na boca só de pensar no chá gelado com limão, mas tinha de esperar; seria um desperdício beber o meu copo agora e depois ter de beber água durante o jantar.

– Morrerias se preenchesse o formulário? – disse ela, sem conseguir conter-se mais. – A Seleção pode ser uma oportunidade maravilhosa para ti, para todos nós.

Suspirei alto, pensando que preencher aquele formulário seria, na realidade, um pouco como morrer.

Não era segredo que os rebeldes – as colónias clandestinas que odiavam Illéa, o nosso vasto e relativamente jovem país – lançavam ataques frequentes e violentos ao palácio. Já os víramos em ação, em Carolina. A casa de um dos magistrados fora completamente incendiada e os carros de alguns Dois tinham sido vandalizados. Houve até uma fuga espetacular da prisão, uma vez, mas considerando que tinham libertado uma adolescente que engravidara e um Sete pai de nove filhos, não pude deixar de pensar que dessa vez tinham razão.

Mas, além do perigo potencial, sentia que só o mero facto de pensar na Seleção acabaria por ferir o meu coração. Não consegui

esconder um sorriso, enquanto pensava em todas as razões para permanecer exatamente onde estava.

– Os últimos anos têm sido muito difíceis para o teu pai – sibilou ela. – Se tiveres um pingo de compaixão, pensa nele.

O meu pai. Sim, queria realmente ajudá-lo. E a May e o Gerad, até a minha mãe, acho. Quando ela expunha assim a situação, não apetecia sorrir. Há demasiado tempo que as coisas não eram fáceis para nós. Perguntei-me se o meu pai encararia isto como um meio de fazer tudo voltar ao normal, se alguma quantia em dinheiro poderia melhorar as coisas.

A nossa situação não era tão precária que tivéssemos de temer pela nossa sobrevivência ou algo do género. Não éramos miseráveis. Mas também não estávamos muito longe de o ser.

A nossa casta era a terceira a contar da mais baixa. Éramos artistas. E os artistas e os músicos clássicos estavam apenas três degraus acima do pó. Literalmente. O dinheiro era curto, esticado ao limite, e os nossos rendimentos dependiam bastante da mudança de estações.

Lembro-me de ter lido num livro de História antigo que todas as festas principais costumavam acontecer nos meses de inverno. Algo chamado *Halloween*, seguido da Ação de Graças, depois o Natal e o Ano Novo. Umas atrás das outras.

O Natal ainda era na mesma altura – não se pode mudar o aniversário de uma divindade – mas quando Illéa assinou o grande acordo de paz com a China, o Ano Novo passou a ser em janeiro ou fevereiro, dependendo da Lua. Todas as comemorações individuais de agradecimento ou de independência da nossa metade do mundo compunham agora simplesmente a Festa da Gratidão, que se realizava no verão. Era a altura de celebrarmos a formação de Illéa, de nos congratularmos por ainda existirmos.

Não sabia o que era o *Halloween*. Desapareceu, simplesmente.

Assim, pelo menos três vezes por ano, toda a família tinha trabalho a tempo inteiro. O meu pai e a May faziam as suas peças de arte, que os clientes compravam para oferecer como prendas. A minha mãe e eu atuávamos em festas – eu cantava e ela tocava

piano –, aceitando todos os trabalhos que conseguíssemos. Quando era mais nova, atuar em público aterrorizava-me, mas agora procurava imaginar que era apenas música de fundo. Era assim que éramos encarados por quem nos contratava: estávamos ali para sermos ouvidos e não vistos.

O Gerad ainda não descobrira o seu talento, mas só tinha sete anos. Ainda lhe restava algum tempo.

Em breve, as folhas das árvores mudariam de cor e o nosso pequeno mundo tornar-se-ia novamente instável. Cinco bocas e apenas quatro trabalhadores. Sem garantia de emprego até ao Natal.

Quando pensava nas coisas desta maneira, a Seleção parecia uma boia de salvação, uma coisa segura à qual podia agarrar-me. Aquela carta estúpida podia livrar-me da escuridão e eu podia libertar também a minha família.

Observei a minha mãe. Era um pouco rechonchuda para uma Cinco, o que era estranho. Não era comilona e, além disso, não tínhamos hipótese de comer demasiado. Talvez fosse simplesmente assim que o corpo fica depois de cinco filhos. Os seus cabelos eram ruivos, como os meus, mas cheios de madeixas brancas brilhantes, que haviam aparecido abundante e repentinamente, há cerca de dois anos. Rugas marcavam-lhe os cantos dos olhos, embora ainda fosse bastante jovem, e à medida que circulava pela cozinha reparei que tinha as costas curvadas, como se transportasse um peso invisível sobre os ombros.

Eu sabia que a minha mãe andava sobrecarregada e sabia que era por isso que se tornara particularmente manipuladora em relação a mim. Já discutíamos o suficiente sem essa tensão extra, mas à medida que o outono vazio se aproximava lentamente, ela ficava cada vez mais irritável. E eu sabia que ela achava que eu estava a ser pouco razoável ao não querer sequer preencher um formuláriozito idiota.

Mas havia neste mundo coisas – coisas importantes – que eu amava. E aquela folha de papel parecia um muro que se erguia entre mim e aquilo que eu queria. Talvez quisesse coisas parvas, talvez nem sequer fossem coisas que conseguisse ter, mas, ainda assim,

eram coisas minhas. Não me sentia capaz de sacrificar os meus sonhos, independentemente da importância que a minha família tinha para mim. Além disso, já fizera muito por eles.

Depois da Kenna se casar e do Kota se ter ido embora, eu era a filha mais velha em casa e, por isso, assumira o meu papel o mais rapidamente que consegui. Fazia tudo para ajudar. Organizámos os meus estudos em casa de acordo com os meus ensaios, que ocupavam a maior parte do dia, pois eu estava a tentar dominar vários instrumentos musicais, ao mesmo tempo que aprendia a cantar.

Mas com a chegada da carta, todo o meu trabalho deixara de ter importância. Na cabeça da minha mãe, eu já era uma rainha.

Se fosse esperta, teria escondido aquele aviso estúpido antes de o meu pai, a May e o Gerad terem chegado, mas não sabia que a minha mãe já o enfiara na roupa. A meio da refeição, tirou-o.

– Para a família Singer – cantarolou.

Tentei tirar-lhe o papel, mas ela foi mais rápida do que eu. Eles iriam acabar por descobrir, mais cedo ou mais tarde, só que deste modo ficariam todos do lado dela.

– Mãe, por favor! – implorei.

– Eu quero ouvir! – disse a May com um gritinho, o que não me surpreendeu. A minha irmã era parecidíssima comigo só que três anos mais nova e, embora a nossa aparência fosse praticamente a mesma, os nossos feitios eram opostos. Ao contrário de mim, ela era extrovertida e otimista e, atualmente, completamente louca por rapazes. Tudo isto iria parecer-lhe uma história incrivelmente romântica.

Senti-me a corar de vergonha. O meu pai ouviu com atenção, enquanto à May só lhe faltava saltar de alegria. O Gerad, abençoado, continuou a comer. A minha mãe aclarou a voz e prosseguiu:

– «O último censo confirmou que uma mulher solteira, entre os dezasseis e os vinte anos de idade, reside atualmente em vossa casa. Gostaríamos de vos informar sobre uma oportunidade iminente para honrarem a grande nação de Illéa.»

A May soltou outro gritinho e agarrou-me no braço:

– És tu!

– Eu sei, minha macaquinha. Larga-me, antes que me partas o braço. – Mas ela limitou-se a agarrar-me na mão e a dar mais uns pulinhos.

– «O nosso amado Príncipe Maxon Schreave» – continuou a minha mãe – «atinge a maioridade este mês e, ao iniciar esta nova fase da sua vida, deseja prosseguir com uma companheira a seu lado; casar com uma verdadeira Filha de Illéa. Se a vossa filha, irmã ou protegida elegível estiver interessada nesta oportunidade de poder vir a ser a noiva do Príncipe Maxon e a adorada Princesa de Illéa, por favor, preencham o formulário em anexo e entreguem-no no Departamento de Serviços Provinciais da vossa localidade. Uma jovem de cada província será escolhida aleatoriamente para conhecer o príncipe. As participantes ficarão hospedadas no encantador Palácio de Illéa, em Angeles, durante a sua estada. A família de cada participante será *generosamente recompensada*... – A minha mãe prolongou as palavras para criar um efeito dramático – ... pelo serviço prestado à família real.»

Enquanto ela falava, eu revirava os olhos. Era assim que as coisas se passavam no caso de um príncipe. As princesas nascidas na família real eram negociadas em casamento, a fim de fortalecerem as nossas recentes relações com outros países. Eu percebia por que razão o faziam – precisávamos de aliados –, mas não me agradava. Nunca vira tal acontecer e esperava nunca ver. Há três gerações que não nascia uma princesa na família real. Os príncipes, contudo, casavam com plebeias para elevar o moral da nossa, às vezes, volátil nação. Acho que a Seleção servia para nos unir e para nos recordar de que a própria Illéa nascera praticamente do nada.

Nenhuma das opções me parecia muito boa. E a ideia de entrar num concurso no qual o país inteiro veria aquele palerma arrogante escolher a rapariga mais bela e fútil do grupo para ser o rosto silencioso e bonito que iria aparecer ao seu lado na televisão... Era o suficiente para me fazer gritar. Poderia haver humilhação maior?

Além disso, já passara tempo suficiente nas casas de Dois e de Três para ter a certeza de não querer nunca viver entre eles e muito menos entre os Um! Tirando as alturas em que passávamos fome,

sentia-me perfeitamente feliz por ser uma Cinco. A alpinista social era a minha mãe, não eu.

– E é claro que ele iria adorar a America! Ela é tão linda – derreteu-se a minha mãe.

– Mãe, por favor! Quanto muito, sou normal.

– Não és nada! – disse a May. – Eu pareço-me contigo e *sou* bonita! – O seu sorriso era tão aberto que não pude deixar de me rir. E o argumento era válido, a May era mesmo linda.

Mas era mais do que o seu rosto, mais do que o seu sorriso cativante e olhos brilhantes. A May irradiava uma energia e um entusiasmo que nos fazia querer estar onde ela estivesse. A May era magnética e, sinceramente, eu não era.

– Gerad, o que achas? Sou bonita? – perguntei.

Todos os olhares se fixaram no membro mais jovem da nossa família.

– Não! As raparigas são horríveis!

– Gerad, por favor! – A minha mãe soltou um suspiro exasperado, mas não muito convicto. Era difícil irritarmo-nos com ele. – America, tu sabes que és uma rapariga muito bonita.

– Se sou assim tão atraente, por que razão nunca ninguém me convida para sair?

– Ah, eles aparecem por aqui, mas eu espanto-os a todos. As minhas filhas são demasiado bonitas para se casarem com um Cinco. A Kenna conseguiu um Quatro e tenho a certeza de que te podes sair ainda melhor. – A minha mãe tomou um gole do seu chá.

– O nome dele é James. Para de o chamar pelo número. E desde quando é que os rapazes vêm cá a casa? – Consequia ouvir a minha própria voz ficar cada vez mais aguda. Nunca tinha visto um único rapaz à nossa porta.

– Já há algum tempo – disse o meu pai, fazendo o seu primeiro comentário desde o início da conversa. A sua voz tinha uma nota de tristeza e ele olhava fixamente para o copo. Tentei perceber o que o perturbava tanto. Os rapazes que vinham até cá? A mãe e eu a discutirmos outra vez? A minha recusa em participar no concurso? A distância a que ficaria se participasse?

O meu pai e eu éramos próximos. Acho que, quando nasci, a minha mãe estava um pouco exausta, por isso o meu pai cuidava de mim a maior parte das vezes. Herdei o temperamento dela, mas a compaixão dele.

Ele ergueu os olhos por uma fração de segundo e foi então que percebi. Não queria pedir-me que participasse, não queria que fosse, mas também não podia negar os benefícios que teríamos se eu conseguisse ficar, ainda que por um dia, no concurso.

– America, sê razoável – disse a minha mãe. – Devemos ser os únicos pais no país que precisam de convencer a filha a participar. Pensa na oportunidade! Um dia, podes vir a ser rainha!

– Mãe, mesmo que eu quisesse ser rainha, o que não quero de todo, existem milhares de outras raparigas na província que vão participar. Milhares. E se, por acaso, fosse sorteada, ainda teria de competir com trinta e quatro raparigas, todas certamente muito melhores a seduzir do que eu jamais conseguiria fingir ser.

O Gerad apurou os ouvidos: – O que é seduzir?

– Nada! – respondemos em coro.

– É ridículo pensar que, considerando tudo isto, poderia sequer ganhar – concluí.

A minha mãe empurrou a cadeira, levantou-se e inclinou-se sobre a mesa na minha direção.

– Alguém vai ganhar, America. Tens tantas hipóteses quanto qualquer outra. – Atirou o guardanapo para a mesa e afastou-se. – Gerad, quando acabares, são horas do banho.

Ele respondeu com um gemido.

A May acabou de comer em silêncio. O Gerad pediu para repetir, mas não havia mais comida. Quando se levantaram, comecei a tirar a loiça da mesa, enquanto o meu pai continuava sentado, bebericando o seu chá. Tinha de novo tinta no cabelo, uma mancha amarela que me fez sorrir. Levantou-se, sacudindo as migalhas da camisa.

– Desculpe, pai – murmurei, enquanto retirava os pratos.

– Não sejas tonta, pequenina. Não estou zangado. – Ele sorriu abertamente e colocou um braço à minha volta.

– Eu só...

– Não precisas de me explicar, querida. Eu sei. – Beijou-me na testa. – Agora vou voltar ao trabalho.

Fui para a cozinha para começar a limpar. Cobri com um guardanapo o meu prato praticamente intacto e escondi-o no frigorífico. Nos pratos dos outros tinham restado apenas migalhas.

Suspirei e fui para o meu quarto preparar-me para dormir. Tudo aquilo era enervante.

Por que razão é que a minha mãe me pressionava tanto? Não era feliz? Não amava o meu pai? Porque é que isso não era suficiente para ela?

Deitada no meu colchão cheio de altos, procurei pensar racionalmente sobre a Seleção. Não podia negar que tinha as suas vantagens; seria agradável poder comer bem, pelo menos durante algum tempo. Mas não havia razão para me preocupar; não iria apaixonar-me pelo Príncipe Maxon. Pelo que tinha visto no *Noticiário Oficial de Illéa*, nem sequer iria gostar dele.

A meia-noite parecia demorar uma eternidade a chegar. Havia um espelho junto à porta e, antes de sair, dei uma olhadela ao cabelo para ver se continuava tão bem como de manhã. Também pus um pouco de brilho nos lábios, para dar alguma cor ao rosto. A minha mãe fazia questão de guardarmos a maquilhagem apenas para quando tínhamos de nos apresentar em palco ou aparecer em público, mas eu surripiava sempre um pouco em noites como esta.

Entrei na cozinha, fazendo o mínimo barulho possível. Embrulhei as minhas sobras do jantar: um pedaço de pão que estava quase a passar do prazo e uma maçã. Era difícil voltar ao quarto em passos tão lentos a estas horas tardias, mas se tivesse feito isto antes teria ficado demasiado ansiosa.

Abri a janela do quarto e olhei para o nosso pequeno quintal. A Lua quase não se via, por isso tive de deixar que os meus olhos se adaptassem antes de poder avançar. Do outro lado do relvado, a silhueta da casa da árvore mal se via na escuridão da noite. Quando éramos mais novos, o Kota atava lençóis aos ramos para que a árvore se parecesse com um navio. Ele era o capitão e eu era sempre o seu

imediatos. Os meus deveres resumiam-se geralmente a varrer o convés e a fazer a comida, composta por um monte de terra e galhos enfiados nas panelas da minha mãe. Ele agarrava numa colher cheia de terra e «comia», atirando a terra por cima do ombro. Isso significava que eu tinha de varrer outra vez, mas não me importava. Ficava feliz só por estar no navio com o Kota.

Olhei em volta. Todas as casas da vizinhança estavam às escuras. Ninguém estava a ver. Saí pela janela, com cuidado, rastejando. Costumava ficar com nódoas negras na barriga quando o fazia da maneira errada, mas agora era fácil, um talento cultivado ao longo dos anos. E não queria estragar a comida.

Atravessei rapidamente o relvado, vestindo o meu pijama mais giro. Podia ter mantido a roupa que usara durante o dia, mas sentia-me melhor assim. Acho que não importava o que vestia, mas sentia-me bonita com os meus calções castanhos e a blusa branca justa.

Agora já não era difícil escalar só com uma mão as tábuas pregadas na árvore. Também tinha aperfeiçoado essa técnica. Cada passo era um alívio. A distância não era grande, mas aqui toda a confusão em minha casa parecia estar muito longe. Aqui não precisava de ser a princesa de ninguém.

Assim que entrei naquela pequena caixa, o meu refúgio, soube que não estava sozinha. No canto mais afastado, alguém se escondia na escuridão da noite. A minha respiração acelerou; não consegui evitá-lo. Pousei a comida no chão e semicerrei os olhos. A pessoa mexeu-se e acendeu uma vela quase gasta. A luz era fraca – ninguém em casa conseguiria vê-la –, mas era suficiente. Finalmente, com um sorriso malicioso no rosto, o intruso falou:

– Olá, linda.

Capítulo 2

*A*vancei de gatas. A casa da árvore não era maior do que um cubículo de 1,5 m² – nem sequer o Gerad conseguia ficar em pé lá dentro –, mas eu adorava-a. Havia uma entrada pela qual só se podia passar rastejando e uma janela minúscula na parede oposta. Tinha colocado um banco velho num canto, para servir de apoio para a vela, e um tapete tão velho que era pouco melhor do que estar sentado nas tábuas. Não era muito, mas era o meu refúgio. O *nosso* paraíso.

– Por favor, não me chames linda. Primeiro a minha mãe, depois a May e agora tu. Está a começar a irritar-me. – Pelo modo como o Aspen olhava para mim, percebi que não estava a convencê-lo. Ele sorriu.

– Não consigo evitar, és a coisa mais bela que já vi na vida. Não podes levar-me a mal por dizê-lo nos poucos momentos em que posso. – Ele envolveu o meu rosto com as mãos e eu olhei-o profundamente nos olhos.

Foi o suficiente. Os lábios dele pousaram nos meus e não consegui pensar em mais nada. Não havia Seleção, nenhuma família miserável, nem sequer Illéa. Havia apenas as mãos do Aspen nas minhas costas, puxando-me para si, e a respiração dele no meu rosto. Enfiei as mãos no seu cabelo preto, ainda húmido do banho

– ele tomava sempre banho à noite – e entrelacei os dedos. O Aspen cheirava ao sabonete que a mãe dele fazia. Eu sonhava com aquele cheiro. Afastámo-nos e não consegui esconder um sorriso.

Ele tinha as pernas abertas e eu sentei-me de lado no meio delas, como uma criança que pede colo.

– Desculpa, não estou de bom humor. É que... recebemos aquele aviso idiota hoje pelo correio.

– Ah, sim, a carta. – O Aspen suspirou. – Nós recebemos duas. Claro. As gêmeas tinham acabado de fazer dezasseis anos.

O Aspen observava cada detalhe do meu rosto enquanto falava. Fazia isso quando estávamos juntos, como se quisesse gravar o meu rosto na memória. Já passara mais de uma semana e ficávamos ambos ansiosos quando estávamos mais do que alguns dias sem nos vermos.

Eu também o observava. O Aspen era de longe o rapaz mais bonito da cidade, de todas as castas. Era moreno, tinha olhos verdes e um sorriso que nos fazia pensar que guardava um segredo. Era alto, mas não muito e magro, sem o ser demasiado. Notei, naquela luz fraca, que tinha olheiras; sem dúvida que trabalhara até tarde a semana inteira. A sua *t-shirt* preta estava puída em vários sítios, tal como as calças de ganga surradas que usava quase todos os dias.

Se ao menos eu pudesse cosê-las... Essa era a minha maior ambição: não queria ser a princesa de Illéa, queria ser a princesa do Aspen.

Custava-me ficar longe dele. Havia dias em que endoidecia, tentando imaginar o que estaria a fazer. E quando não aguentava mais, praticava música. Era ao Aspen que tinha de agradecer por ser a música que era. Ele levava-me à loucura.

O que era péssimo.

O Aspen era um Seis. Os Seis eram trabalhadores servis e um pouco melhores do que os Sete, apenas porque tinham mais educação e eram treinados para trabalhos interiores. O Aspen era mais inteligente do que as pessoas pensavam e avassaladoramente bonito, mas não era habitual uma mulher casar com alguém abaixo da sua casta. Um homem de casta inferior podia até pedir a mão dela, mas

raramente recebia um «sim» como resposta. E quando duas pessoas de castas diferentes se casavam, tinham de preencher um monte de papelada e esperar cerca de noventa dias antes de poderem prosseguir com os outros procedimentos legais necessários. Já ouvira mais de uma pessoa dizer que isso acontecia para que o casal tivesse uma oportunidade para mudar de ideias. Portanto, estes nossos momentos íntimos bastante para além do recolher obrigatório de Illéa... podiam arranjar-nos problemas sérios. Já para não falar no inferno pelo qual a minha mãe me faria passar.

Mas eu amava o Aspen. Amava-o há quase dois anos. E ele amava-me. Com ele ali sentado, a acariciar-me o cabelo, não conseguia sequer pensar em participar na Seleção. Já estava apaixonada.

– O que achas disso? Quero dizer, da Seleção? – perguntei.

– Normal, acho eu. O coitado tem de arranjar uma rapariga de *alguma* forma. – Notei o sarcasmo, mas queria mesmo saber a sua opinião.

– Aspen...

– Está bem, está bem. Por um lado, acho triste. O príncipe não sai com ninguém? Será que não consegue mesmo encontrar *alguém*? Se tentam casar as princesas com outros príncipes, porque não fazem o mesmo com ele? Tem de existir alguma nobre por aí que sirva para ele. Não entendo. Esse é um lado.

– Mas... – Ele suspirou. – Por outro lado, acho que é uma boa ideia. É emocionante; ele vai apaixonar-se em frente de toda a gente. E gosto da ideia de que alguém possa ter o seu conto de fadas no final. Qualquer uma pode ser a próxima rainha. Isso dá uma certa esperança, faz-me pensar que eu também posso ter um conto de fadas.

Ele acariciava os meus lábios com os dedos. Aqueles olhos verdes penetravam fundo na minha alma e eu sentia aquela centelha de ligação que só sentira com ele. Também queria o nosso conto de fadas.

– Então estás a incentivar as gémeas a entrar no concurso? – perguntei.

– Sim. Já todos vimos o príncipe algumas vezes; parece ser um tipo simpático, isto é, convencido, sem dúvida, mas amigável. E elas

estão tão entusiasmadas. É engraçado de ver. Andavam a dançar pela casa quando cheguei do trabalho hoje. E ninguém pode negar que seria bom para a família. A minha mãe está otimista, porque temos duas participantes em casa em vez de uma.

Era a primeira boa notícia que ouvia relacionada com esta competição horrível. Não podia acreditar que tinha estado tão concentrada em mim que não me lembrara das irmãs do Aspen. Se uma delas passasse, se uma delas entrasse...

– Aspen, tens noção do que isso significaria? Se a Kamber ou a Celia ganhassem?

Ele abraçou-me com mais força, roçando os lábios na minha testa. Uma das suas mãos subia e descia ao longo das minhas costas.

– Não pensei em mais nada hoje – disse. O tom rouco da sua voz afastou qualquer outro pensamento. Tudo o que queria era que o Aspen me tocasse, me beijasse. E era exatamente isso o que iria acontecer, quando o seu estômago roncou e me distraiu.

– Oh, olha, trouxe um lanche para nós – disse eu, com ligeireza.

– Sim?

Notei que ele tentava não se mostrar entusiasmado, mas transpareceu um pouco da sua impaciência.

– Vais adorar este frango, fui eu quem o fez.

Encontrei o meu pequeno embrulho e entreguei-lho e ele, honra lhe seja feita, comeu devagar. Dei uma dentada na maçã, para que ele sentisse que a comida era para *ambos*, mas depois pousei-a e deixei-o comer o resto.

Se as refeições eram uma preocupação em minha casa, na do Aspen eram uma tragédia. O seu trabalho era muito mais constante do que o nosso, mas ganhava bastante menos. Nunca havia comida suficiente para a sua família. Era o mais velho de sete irmãos e, assim como eu começara a ajudar em casa assim que pude, o Aspen pusera-se à margem; dava a sua parte da pouca comida que tinham aos irmãos e à mãe, que estava sempre cansada de tanto trabalhar. O pai morrera há três anos e a família dependia dele para quase tudo.

Vi com satisfação o Aspen lamber dos dedos o tempero do frango e começar a comer o pão. Não fazia ideia de quando fora a última vez que ele tinha comido.

– És uma ótima cozinheira. Um dia vais fazer alguém engordar e ser muito feliz – disse ele, com a boca cheia de maçã.

– Vou engordar-te a *ti* e fazer-te feliz. Tu sabes.

– Ah, poder ser gordo!

Rimo-nos e ele contou-me o que lhe tinha acontecido desde a última vez que o vira. Estivera a fazer trabalho de escritório para uma fábrica, onde iria continuar mais uma semana, e a mãe conseguira finalmente um trabalho fixo como empregada de limpeza para alguns Dois da nossa zona. As gémeas estavam ambas tristes porque a mãe as fizera desistir do clube de teatro depois das aulas, para poderem trabalhar mais.

– Vou ver se arranjo um trabalho aos domingos para ganhar um pouco mais. Não quero que abandonem uma coisa de que gostam tanto – disse ele esperançoso, como se conseguisse mesmo fazê-lo.

– Aspen Leger, não te atrevas! Já trabalhas demasiado.

– Ah, Mer – sussurrou ele ao meu ouvido, fazendo-me ficar arrepiada. – Tu sabes como são a Kamber e a Celia. Elas precisam de estar com pessoas. Não podem ficar fechadas a limpar e a escrever o tempo todo. Não faz parte da natureza delas.

– Mas não é justo que esperem que tu faças tudo, Aspen. Sei exatamente como te sentes em relação às tuas irmãs, mas precisas de cuidar de ti. Se amas mesmo as tuas irmãs, tens de tratar melhor de quem cuida delas.

– Não te preocupes, Mer. Acho que o futuro vai trazer algo de bom. Não vou trabalhar assim para sempre.

Mas trabalharia sim, porque a sua família iria sempre precisar de dinheiro.

– Aspen, eu sei que eras capaz, mas não és um super-herói. Não podes pensar que tens de dar tudo a todos os que amas. Simplesmente não podes fazer tudo.

Ficámos em silêncio durante alguns instantes. Eu esperava que ele estivesse a refletir sobre as minhas palavras, que percebesse que,

se não diminuísse o ritmo, acabaria por se desgastar. Não era raro ver um Seis, um Sete ou um Oito morrerem de exaustão. Eu não poderia suportá-lo. Aconcheguei-me ainda mais contra o seu peito, tentando afastar essa imagem da mente.

– America?

– Sim? – murmurei.

– Vais participar na Seleção?

– Não! Claro que não! Não quero que ninguém pense que *consideraria* sequer a hipótese de me casar com um estranho. Eu amo-te a *ti* – disse eu, falando a sério.

– Queres ser uma Seis? Sempre com fome? Sempre preocupada? – perguntou ele. Eu conseguia ouvir a mágoa na sua voz, mas também a verdadeira questão: se tivesse de escolher entre dormir num palácio rodeada de criados, ou no apartamento de três divisões com a família do Aspen, o que é que eu preferiria?

– Aspen, nós vamos conseguir. Somos inteligentes. Vai correr tudo bem – disse eu, desejando mesmo que assim fosse.

– Sabes que não vai ser assim, Mer. Eu continuaria a ter de sustentar a minha família. Não sou do tipo de abandonar os outros. – Estremeci nos seus braços. – E se tivéssemos filhos...

– *Quando* tivermos filhos. Só temos de ter cuidado. Não precisamos de ter mais do que dois!

– Sabes que isso não é uma coisa que possamos controlar! – Conseguia ouvir a raiva a crescer na sua voz.

Não podia culpá-lo. Os que tinham dinheiro podiam controlar o número de filhos, mas os Quatro e as castas abaixo tinham de safar-se como conseguissem. Este era o tema de muitas das nossas discussões ao longo dos últimos seis meses, quando começámos a pensar seriamente numa forma de ficarmos juntos. Os filhos eram uma incógnita; quantos mais tivéssemos, mais haveria para trabalhar, mas, por outro lado, seriam tantas bocas famintas...

Ficámos novamente em silêncio, ambos sem saber bem o que dizer. O Aspen era emotivo; tinha tendência para se exaltar quando discutia. Aprendera a conter-se antes de ficar demasiado irritado e eu sabia que era o que estava a fazer agora.

Não queria preocupá-lo nem deixá-lo nervoso; acreditava mesmo que seríamos capazes de lidar com a situação. Se planeássemos bem tudo o que fosse possível planejar, conseguiríamos ultrapassar aquilo que não conseguíssemos prever. Talvez fosse demasiado otimista, ou talvez estivesse demasiado apaixonada, mas acreditava mesmo que o Aspen e eu conseguiríamos alcançar tudo aquilo que quiséssemos verdadeiramente.

– Acho que deverias fazê-lo... – disse ele, de repente.

– Fazer o quê?

– Participar na Seleção. Acho que deverias fazê-lo.

Encarei-o furiosa: – Tu estás doido?

– Mer, escuta. – A sua boca estava quase colada ao meu ouvido. Não era justo; ele sabia que isso me distraía. Quando falou, a sua voz estava ofegante e lenta, como se fosse dizer algo de romântico, embora o que estivesse a sugerir fosse exatamente o contrário.

– Se tivesses uma oportunidade para melhorar a tua vida e não a aproveitasses por minha causa, nunca iria perdoar-me por isso. Não conseguiria suportá-lo.

– Isso é completamente ridículo – bufei, irritada. – Pensa nos milhares de raparigas que vão participar. Nem sequer vou ser sorteada.

– Se não vais ser sorteada, qual é o problema? – Ele esfregava agora os meus braços com as mãos. Eu não conseguia discutir quando ele fazia aquilo. – Só quero que participes, que tentes. E se fores sorteada, tudo bem. Se não fores, pelo menos não vou sentir remorsos por te ter impedido.

– Mas, Aspen, eu não o amo. Nem sequer gosto dele. Nem sequer o *conheço*.

– Ninguém o conhece. Mas a questão é essa: talvez pudesses gostar dele.

– Aspen, para. Eu amo-te a *ti*.

– E eu a ti. – Ele beijou-me devagar para o confirmar. – E se me amas fazes isto por mim, para eu não ficar doido a pensar no que poderia ter acontecido «se».

Quando ele colocava as coisas desta forma, eu não tinha hipótese. Não podia magoá-lo. Já estava a fazer tudo o que podia para

lhe facilitar a vida. E eu tinha razão: não havia nenhuma probabilidade de ser escolhida. Assim, só precisava de deixar que as coisas acontecessem. Todos ficariam contentes e, quando não fosse sorteada, o assunto seria esquecido.

– Por favor? – Ele sussurrou ao meu ouvido, provocando-me arrepios por todo o corpo.

– Está bem – murmurei. – Eu inscrevo-me. Mas fica sabendo que não quero ser princesa nenhuma. Tudo o que quero é ser tua mulher.

Ele acariciou-me o cabelo:

– E hás de ser.

Devia ser por causa da luz, ou da falta dela, mas juro que os olhos dele se marejaram quando o disse.

O Aspen já passara por muita coisa, mas só o vi chorar uma vez, quando chicotearam o seu irmão no meio da praça. O pequeno Jemmy tinha roubado fruta de uma carroça no mercado. Um adulto teria sido submetido a um julgamento rápido e depois, dependendo do valor do artigo roubado, iria para a prisão ou seria condenado à morte. O Jemmy tinha apenas nove anos e, por isso, foi espancado. A mãe deles não tinha dinheiro para o levar a um médico decente e, em resultado do incidente, o Jemmy ficou com enormes cicatrizes nas costas.

Nessa noite, esperei ao pé da janela para ver se o Aspen iria à casa da árvore. Quando apareceu, esgueirei-me para ir ter com ele. O Aspen chorou nos meus braços durante uma hora, lamentando-se por não ter trabalhado mais, por não se ter esforçado mais, para que o Jemmy não tivesse precisado de roubar. Era tão injusto que o Jemmy sofresse porque ele havia falhado.

Fora devastador principalmente porque não era verdade, mas não podia dizer-lho; ele não me daria ouvidos. O Aspen carregava com ele as necessidades de todas as pessoas que amava. E de alguma forma, como por milagre, eu tornara-me uma dessas pessoas e por isso tentava pesar o mínimo possível.

– Cantas para mim? Uma música bonita que me ajude a adormecer?

Sorri. Adorava cantar para ele. Aproximei-me mais e cantei-lhe uma cantiga de embalar suave.

Deixou-me cantar durante uns minutos, antes de começar a mover distraidamente os dedos sob a minha orelha. Puxou a gola da minha blusa e beijou-me ao longo do pescoço e das orelhas. Em seguida, arregaçou-me a manga e foi beijando o meu braço até onde conseguia chegar. Deixava-me sem fôlego. Fazia isto quase sempre que eu cantava. Acho que gostava mais do som da minha respiração ofegante do que do canto.

Não tardou muito a estarmos entrelaçados em cima do tapete sujo e gasto. O Aspen puxou-me para cima dele e penteei-lhe o cabelo desalinhado com os dedos, hipnotizada pela sensação. Ele beijou-me ardentemente e com intensidade; podia sentir os seus dedos a apertarem-me a cintura, as costas, as ancas, as coxas. Ficava sempre surpreendida por ele não deixar marcas em forma de dedos por todo o meu corpo.

Éramos cuidadosos, parando sempre antes de chegarmos ao que realmente queríamos, como se quebrar o recolher obrigatório não fosse já suficientemente mau. Ainda assim, apesar de todas as nossas limitações, não conseguia imaginar ninguém em Illéa mais apaixonado do que nós.

– Amo-te, America Singer. Amar-te-ei sempre enquanto viver. – A voz dele transmitia uma emoção profunda e apanhou-me desprevenida.

– Amo-te, Aspen. Serás sempre o meu príncipe.

E ele beijou-me até a vela se apagar.

Deviam ter-se passado horas e os meus olhos começavam a pesar. O Aspen nunca se importava com o seu próprio descanso, mas preocupava-se sempre com o meu. Desci a escada, cansada, levando o prato e uma moeda.

O Aspen adorava ouvir-me cantar e, às vezes, quando tinha algum dinheiro, dava-me uma moeda para pagar a canção. Eu preferia que ele entregasse à sua própria família as moedas que conseguia ganhar – não havia dúvida de que precisavam de cada cêntimo –, mas, por outro lado, aquelas moedas – que eu era incapaz de

gastar – eram como um lembrete de tudo o que o Aspen estava disposto a fazer por mim, de tudo o que eu significava para ele.

De regresso ao meu quarto, tirei do seu esconderijo o meu pequeno frasco das moedas e escutei o alegre tilintar da mais recente caindo sobre as anteriores. Esperei dez minutos à janela, até ver a silhueta do Aspen descer a escada e correr pela estrada das traseiras.

Fiquei acordada mais um pouco, pensando no Aspen, no quanto o amava e em como me sentia por me saber amada por ele: especial, sem preço, insubstituível. Nenhuma rainha em nenhum trono poderia sentir-se mais importante do que eu.

Adormeci com aquele pensamento firmemente gravado no meu coração.